

Jornalismo Audiovisual na Web: perspectivas e reflexões¹

Roberta Roos

Jornalista. Mestre em Educação pela UPF. Doutoranda em Comunicação na UFSM. Professora da Universidade Federal do Pampa - Campus São Borja. Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTe) e do Grupo de Pesquisa Comunicação Televisual - COMTV. Email: betaroos@hotmail.com.

Michele Negrini

Jornalista. Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS. Doutora em Comunicação pela PUCRS. Pós-doutora pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, da UFBA. Professora da Universidade Federal de Pelotas. Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTe). E integrante do Centro de Pesquisa em Estudos Culturais e Transformações na Comunicação (TRACC). Email: mmmnegrini@yahoo.com.br.

Vivian Belochio

Coordenadora do mestrado profissional em Comunicação e Indústria Criativa e professora adjunta de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa. Doutora em Comunicação e Informação (UFRGS). Líder do GP Jornalismo em Redes e Convergência (CNPq/Unipampa).

Resumo

A proposta deste artigo é fazer uma reflexão sobre a produção telejornalística tradicional, com ênfase para o telejornalismo universitário, e suas ressignificações com o desenvolvimento das redes digitais. Para isso, reflete-se sobre conceitos e nomenclaturas, destacando-se as características dos meios digitais e as condições que influenciam as estratégias da produção jornalística audiovisual nesses ambientes. Cabe lembrar que estes espaços possibilitam iniciativas distintas das convencionais.

Palavras-chave

Jornalismo audiovisual; ciberespaço; nomenclaturas; telejornalismo universitário; telejornalismo ressignificado.

Abstract

The purpose of this article is to reflect about the traditional telejournalistic production, with emphasis on university television journalism, and its significations with the development of digital networks. For this, it is reflected on concepts and nomenclatures, highlighting the characteristics of the digital media and the conditions that influence the strategies of audiovisual journalistic production in these environments. It should be remembered that these spaces allow different initiatives than conventional ones.

Keywords

Audiovisual journalism; cyberspace; nomenclatures; university telejournalism; re-signified telejournalism.

Introdução

Vivemos em um momento histórico e cultural em que as tecnologias estão em constante expansão e têm o alcance maximizado. Seu desenvolvimento se intensifica com a cultura da convergência, realidade na qual o acesso ao entretenimento e à informação ocorre por meio de múltiplas plataformas de mídia e as preferências dos consumidores se transformam (JENKINS, 2009). Tais tendências resultam em diferentes iniciativas do

¹ Artigo apresentado no 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo.

jornalismo para a conquista de seus públicos. Isso tem proporcionado distintos olhares e iniciativas na produção de informações. A ampliação das possibilidades de produção e de acesso às notícias convoca diferentes demandas para a seara das práticas jornalísticas e evoca ressignificações para o trabalho dos repórteres, chegando à constituição de novas formas de narrar os fatos e de contar os acontecimentos cotidianos.

Feitosa e Bairon (2015, p.226) destacam que estamos vivendo em um contexto de “[...] abundância, da muitificação do mundo e agregação das coisas ao nosso redor: multicanal, multiprogramação, multiconectividade, multiparticipação, multisserviços, multiplataforma, multi-instância, multimídia, multitouch, multicaminhos...”. Os autores ainda apontam que estamos inseridos em uma conjuntura em que as tecnologias digitais têm amplas funções e vão além suas utilidades bases, adentrando na convergência. A compreensão dos autores remete à perspectiva da expansão dos processos comunicacionais e de suas lógicas, adentrando em acentuados fluxos de transmissão de informações e de necessidades de reconfigurações no cotidiano dos veículos de comunicação.

Neste contexto, o telejornalismo vem passando por ressignificações em busca de atingir uma audiência diversificada, exigente e participativa. As possibilidades da comunicação em redes digitais vêm tensionando os formatos consolidados e tidos como hegemônicos no jornalismo de TV. Perspectivas diferenciadas podem ser visualizadas nas práticas cotidianas das redações televisivas, buscando a expansão para a web.

Na seara das transformações que foram adentradas ao contexto televisivo e telejornalístico, a partir do aprimoramento das redes digitais e do desenvolvimento da convergência midiática, é pertinente a realização de uma reflexão sobre as produções telejornalísticas tradicionais, focando no telejornalismo universitário, e sobre suas ressignificações e transformações a partir do desenvolvimento das redes digitais. Nesta discussão, também vamos fazer ponderações sobre as diversas nomenclaturas que os conteúdos jornalísticos audiovisuais veiculados na web assumem.

1. Telejornalismo Reconfigurado

O telejornalismo, em sua perspectiva histórica, tem passado por constantes transformações e por ressignificações na forma de transmitir as notícias. Como diz Maia (2011,p.8), ao analisar o jornalismo de TV:

Desde a veiculação do primeiro telejornal brasileiro, as modificações, advindas com o tempo, são naturais e perceptíveis em todos os noticiários, independente de emissora. Afinal, à medida que a sociedade evolui, acaba por impor, também, a mutação de bens, serviços e entretenimento. Na atualidade, a ordem nas redações é romper paradigmas por muitos anos cultivados, mas que têm se revelado ineficientes na conquista do telespectador. Modelos que por muito tempo eram propagados de geração em geração de telejornalistas têm sido deixados de lado a fim de dar lugar à experimentação, ao novo.

As palavras da autora convocam olhares para as relações do telejornalismo com a sociedade e com a cultura. Neste âmbito, vale resgatar o pensamento de Gomes e Menezes (2008) que demarca que o telejornalismo é uma construção social, por se desenvolver numa formação econômica, social, cultural particular e por ter funções primordiais nessa formação. As palavras das pesquisadoras imbricam a existência de olhares para o entendimento de que a

configuração de um telejornal está arraigada em suas bases de inserção e nas lógicas culturais e sociais em que será transmitido.

O telejornalismo é dotado de complexidades em sua constituição. Ele é formado por componentes que abarcam desde sons, imagens e gráficos. E os elementos que são convocados para a formação da narrativa telejornalística estão amplamente relacionados com as lógicas culturais e com o momento tecnológico em que o telejornal está inserido.

Em relação às transformações que o telejornal tem tido no decorrer do seu percurso histórico, Maia (2011, p.6) reflete sobre o Jornal Nacional: “ao longo de sua história, o JN foi submetido a várias transformações como modernização do cenário, inovação nas vinhetas e mudanças de apresentadores”. E, na atualidade, cabe destacar que o JN tem se reconfigurado de forma constante, tendo desde mudanças de cenário até reformulações na sua forma de constituição da notícia e na forma de relacionamento dos apresentadores com o público. As ressignificações apresentadas pelo telejornal da Rede Globo adentram na lógica de que a cultura e a tecnologia refletem na formação das narrativas midiáticas.

O JN tem buscado se reorganizar a ponto de chegar aos mais diversos públicos, que se apropriam de tecnologias digitais de dispositivos móveis no cotidiano e que anseiam por se sentir participantes da constituição da rotina dos meios de comunicação. Com o desenvolvimento tecnológico e com a convergência midiática, a cultura participativa passou a ser ponto precípua, tanto na vida dos veículos de comunicação, como para os públicos destes veículos.

Ainda de acordo com o pensamento de Maia, o comportamento presente nas redações, voltado à busca de proximidade com os espectadores, tem justificativa na necessidade de alcance de receptores. Para a autora, o grande desafio é criar laços de familiaridade com o público, garantindo os índices de audiência.

As reconfigurações no telejornalismo, visualizadas principalmente a partir da perspectiva da convergência midiática, adentram às produções telejornalísticas no cenário das universidades. Os telejornais universitários, muitas vezes, têm, nas plataformas digitais, um espaço para que possam chegar ao público. Desta forma, cabe adentrarmos na reflexão sobre estes telejornais.

2. Telejornalismo Universitário: da sala de aula para a Web

As disciplinas de telejornalismo, no ensino universitário, necessitam do exercício prático da teoria, pois, segundo Brasil e Emerim (2011, p.3), “apenas com a teoria sem a prática, não se consegue aprender, de fato, a produzir telejornalismo”. Eles ressaltam ainda que: “a formação do jornalista televisivo deve ser levada a sério, visto a importância que estes profissionais tendem a assumir na vida social quando se inserem no mercado de trabalho” (BRASIL; EMERIM, 2011, p. 4).

Uma produção de qualidade, referente ao telejornalismo praticado nas universidades, requer que o processo de ensino e aprendizagem seja voltado para uma prática de laboratório específica. Muitos cursos de Jornalismo não possuem uma prática adequada, principalmente devido à falta de equipamentos/estúdios e técnicos capacitados, além disso, alguns cursos dispõem de poucas disciplinas de tele. A televisão, segundo os pesquisadores da área, é a mídia mais difícil de contemplar, de forma eficiente, a formação acadêmica e profissional. Atividades diversificadas, que trazem a sincronia entre a teoria e prática na universidade, são fundamentais para os estudantes de Comunicação Social.

A produção de telejornais universitários, normalmente, é proposta por professores/pesquisadores da área telejornalística, que buscam aproximar os alunos

interessados em ampliar a prática. Alguns teles surgem dentro das disciplinas e possuem duração semestral, outros fazem parte de projetos experimentais. Pode-se entender o conceito de telejornal universitário ou telejornal laboratório através das palavras de Lopes:

(...) um veículo que deve ser feito a partir de um conjunto de técnicas específicas para um público também específico, com base em pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos, o que inclui a experimentação constante de novas formas de linguagem, conteúdo e apresentação gráfica. Eventualmente, seu público pode ser interno, desde que não tenha caráter institucional. (LOPES, 1989, p.50).

As especificidades da prática telejornalística universitária, como espaço físico laboratorial, equipamentos e trabalho técnico, acabam dificultando o desenvolvimento da produção, que é considerada, também, onerosa. Para tanto, o desenvolvimento sólido entre teoria e prática exige das instituições mudanças no cenário do ensino do telejornalismo. Carravetta (2009) reforça esse pensamento ao dizer que, através da teoria e prática obtidas dentro da universidade, inicia-se a formação do profissional de telejornalismo. A autora destaca ainda que: "se, por um lado, as disciplinas teóricas embasam o conhecimento sobre o fazer televisivo, por outro, as práticas desenvolvem as competências técnicas e as habilidades que possibilitam os exercícios de produção" (CARRAVETTA, 2009, p.11).

Essas produções telejornalísticas praticadas nas Universidades, que ficavam restritas ao espaço acadêmico, atualmente, atingem pessoas de todo o mundo, através da divulgação em redes digitais. Diante disso, o jornalismo audiovisual universitário praticado nessa ambiência é um recurso alternativo quando não existem canais de TV disponíveis à universidade. Nesse caso, as produções podem ser veiculadas de maneira estratégica, através de plataformas da Web 2.0 (O'REILLY, 2005), como o YouTube, além dos sites de redes sociais (RECUERO, 2009).

Um exemplo é a TV UERJ Online, que foi a primeira na produção de telejornais universitários transmitidos pela rede. O idealizador do projeto e pesquisador, Antônio Brasil, declara a importância do ensino qualificado em instituições que não possuem uma TV Universitária:

Ensinar jornalismo de televisão sem uma televisão era e ainda é inaceitável. Na falta de bons laboratórios, de equipamentos modernos, de recursos financeiros e principalmente, de visibilidade externa procuramos soluções drásticas, soluções criativas e possíveis, soluções "guerrilheiras". (BRASIL, 2011, p. 3).

Os telejornais universitários voltados exclusivamente à web apresentam características específicas, que variam de acordo com a estrutura de cada instituição. Entendemos que, à medida que eles são elaborados partindo das bases do telejornalismo convencional, porém adaptados ao contexto digital, possibilitam o surgimento de produtos diferentes dos tradicionais. Os materiais que resultam dessa combinação são estruturados de maneira distinta, considerando-se não somente as demandas e potencialidades das mídias televisivas. As potencialidades dos meios digitais são aproveitadas em determinadas estratégias, o que pode acabar alterando as maneiras de pensar o fazer jornalístico na etapa de produção, bem como as características dos produtos finais e a própria percepção destes pelos públicos.

Os telejornais universitários, em sua maioria, têm rotinas de produção e periodicidades semelhantes. A qualificação do processo de ensino-aprendizagem se dá pela experimentação de estruturas diferentes, que possibilitam, também, a autonomia dos estudantes.

Como já falamos, os telejornais universitários, em muitos casos, são levados ao ar através de plataformas da web. Sendo assim, estes telejornais também foram alvo de ressignificações com o desenvolvimento tecnológico e com a cultura da convergência. A reflexão sobre o jornalismo audiovisual na web é basal para dispensarmos um olhar para os telejornais feitos de forma experimental nos cursos de jornalismo.

3. Jornalismo Audiovisual na Web

Desde que webjornais e portais se consolidaram como espaços da rede que têm formatos e características específicas, as produções audiovisuais integram as estratégias dos meios noticiosos nesses espaços. São comuns, desde a terceira geração² do webjornalismo (MIELNICZUK, 2003), produções multimídia³ que complementam determinadas coberturas, em muitos casos oriundas de jornais impressos com representações na Web. Entre esses produtos, os vídeos se destacam. Progressivamente, vêm se transformando em elementos essenciais e até esperados pelos públicos em matérias jornalísticas disponibilizadas em redes digitais, em publicações de quarta e quinta geração⁴ (BARBOSA, 2007; 2013). Isso tendo em vista as facilidades de produção e de publicação da Web 2.0, em plataformas gratuitas e de fácil acesso (O'REILLY, 2005), além das demandas de conteúdos em mídias móveis.

A crescente valorização dos conteúdos audiovisuais agregados a outros elementos da produção jornalística demonstra o potencial desse tipo de produção para atrair a atenção dos públicos nas redes. É a partir daí que surgem produções do chamado webjornalismo audiovisual e até do jornalismo audiovisual móvel (BECKER, 2009; TEIXEIRA, 2013). Trata-se de fenômenos que marcam o cenário da cultura da convergência, descrito por Jenkins (2008) como realidade em que o perfil dos consumidores é alterado diante das possibilidades de acesso a conteúdos, de interação e de consumo em múltiplas plataformas de mídia. As expectativas e preferências desses públicos se alteram diante da diversidade de opções acessíveis em distintos espaços. Os meios jornalísticos, visando à conquista desses públicos, acabam realizando uma série de estratégias que vão além de sua atuação convencional. O jornalismo audiovisual na Web é uma das possibilidades que se desenvolvem nessa conjuntura. Como ele é o foco deste trabalho, será melhor definido na sequência.

Segundo Becker (2009), é preciso reconhecer que as narrativas audiovisuais, tanto as compostas para a TV quanto aquelas feitas para circulação no ciberespaço, são práticas de jornalismo audiovisual. Em outras palavras, reportagens produzidas para exibição em meios televisivos e matérias que são planejadas e estruturadas para a disponibilização na Web, por exemplo, integram o jornalismo audiovisual. Logo, ele engloba diferentes formatos, que podem ser direcionados a distintas plataformas.

Nogueira (2005, p.55) define o jornalismo audiovisual na Web como “atividade que utiliza formatos de notícia com imagem em movimento e som enquanto elementos constitutivos do produto disponibilizado na web”. Trata-se de produtos com características peculiares, como a hipertextualidade⁵ e a fragmentação de seus conteúdos em unidades

² Fase de aproveitamento mais amplo das potencialidades da Web nas publicações jornalísticas disponíveis no ciberespaço, com características de hipertextualidade, multimídia, atualização contínua, memória, personalização e interatividade (PALACIOS; MIELNICZUK, 2002; MIELNICZUK, 2003).

³ São entendidas como produções multimídia aquelas que agregam verbo, imagens e sons, podendo incluir audiovisuais ou não (MIELNICZUK, 2003).

⁴ A quarta geração é a do jornalismo digital em bases de dados (BARBOSA, 2007). Tem como característica o uso de bases de dados como paradigma na produção dos conteúdos nas redações. A quinta geração já é marcada pelo surgimento de aplicativos jornalísticos de tablets que são autóctones, isto é, apresentam características e conteúdos exclusivos para o aparato (BARBOSA, 2013).

⁵ A hipertextualidade é marcada pela disponibilização de conteúdos entrelaçados por caminhos possíveis através

informativas temáticas. Podem acabar gerando iniciativas mais conservadoras ou completamente novas⁶, projetadas exclusivamente para a interface⁷ da Web (RIBAS, 2005).

Para Becker (2009), as características do telejornalismo e do jornalismo audiovisual na Web têm se misturado, à medida que,

[...] ao identificar transformações nas narrativas dos telejornais e apontar características discursivas do webjornalismo audiovisual observa-se que essas distintas narrativas têm sofrido influências mútuas e passam por um processo de hibridização mediadas pelas tecnologias digitais. As atividades de ver TV e acessar internet, e mais especificamente de assistir ao telejornal e de acompanhar as notícias audiovisuais publicadas na web, começam a se fundir. (BECKER, 2009, p.97)

A autora considera que as características estáveis das produções televisivas estão adquirindo traços diferenciados na Web. Isso se deve ao fato de que, à medida que elas são disponibilizadas em plataformas distintas da TV, com outras possibilidades, permitem a modificação das estratégias de estruturação e de oferta desses conteúdos. A apropriação de características específicas dos espaços onde o jornalismo audiovisual é disponibilizado, no mínimo, amplia as formas de veiculação dessas produções.

Teixeira (2011) destaca que o jornalismo audiovisual possui esses diferenciais por ser produzido para veiculação na rede. A autora considera que, por essa razão, ele abre possibilidades de apropriação do ciberespaço que podem resultar em iniciativas com características particulares. Ela acredita que isso pode ser visto nos produtos de webjornalismo audiovisual universitário, que não são simples cópias dos vídeos veiculados na TV das instituições de ensino superior. Em concordância com a autora, chamamos atenção, neste trabalho, para o fato de que essas experimentações em redes podem estar adquirindo identidade particular.

3.1.Nomenclaturas e reflexões conceituais

Quando as áreas de telejornalismo e webjornalismo se cruzam, aparece um questionamento conceitual: ou se trabalha no âmbito de um telejornalismo voltado para a web ou de um webjornalismo com características televisuais. Esse impasse tem instigado as investigações de muitos pesquisadores que buscam respostas sem que haja consenso.

Os modos de produção e os de consumo de produtos jornalísticos sofreram alterações, com a expansão da internet. A terminologia usada para se referir à produção de telejornais para a veiculação na internet não é um consenso entre os estudiosos da área. Herreros (2000) afirma que as palavras buscadas para encontrar termos adequados se modificam com as

do clique em links disponíveis na interface da Web (MIELNICZUK, 2003).

⁶ Exemplos de produtos conservadores são telejornais exibidos em seu formato original, em plataformas como o YouTube. Estes mantêm a proposta editorial da produção direcionada à TV, porém permitem o acesso aos seus conteúdos aproveitando-se os potenciais básicos da plataforma, tais como pausar, avançar e voltar, bem como comentar. Considera-se produções novas aquelas que não seguem a estruturação padrão do telejornalismo, mesclando a forma de expor os conteúdos entre texto, vídeo, fotografias e opções de interação, compartilhamento, hipertextualidade e atualização dos espaços onde são veiculados.

⁷ Ribas (2005) lembra que a Web pode ser considerada como tradutora do ciberespaço. Em outras palavras, trata-se de uma das interfaces que tornam possível a navegação nas redes sem a necessidade de conhecimento de códigos específicos. Os aplicativos de mídias móveis também são exemplos de interfaces tradutoras do ciberespaço, já que possuem características particulares, diferentes da Web, e também possibilitam acesso amigável ao ciberespaço.

inovações e as novas nomenclaturas que surgem de forma muito rápida.

Novas perspectivas vêm aparecendo para o telejornalismo, principalmente, diante da cultura da convergência, marcada, conforme Jenkins (2009), pela alteração do comportamento dos públicos na procura, no acesso, na produção e na distribuição de informações. Inclusive as mídias jornalísticas convencionais, que até pouco tempo atuavam no sistema de comunicação de massa, estão se adaptando às tendências visualizadas a partir dos hábitos e práticas dos indivíduos.

Brasil (2011), ao citar as específicas potenciais da web, destaca que para ele, deveria ser um telejornalismo que não só utilize a web como estrutura de emissão, mas também acrescente a linguagem hipermidiática da rede, transformando sua estrutura narrativa em termos de linguagem e conceito.

A falta de consenso amplia a importância de uma definição de limites entre essas práticas, já que as discussões envolvendo termos voltados para as produções jornalísticas audiovisuais na ambiência digital fazem refletir sobre a base, ou seja, o telejornalismo voltado apenas à televisão tradicional. Só assim, é possível entender o conceito em desenvolvimento: telejornalismo na internet.

Para Canavilhas, a denominação Telejornalismo On-line foi utilizada quando os primeiros estudos sobre jornalismo on-line foram realizados e não passava da "simples transposição do modelo existente no seu ambiente tradicional para um novo suporte". (CANAVILHAS, 2001, p.02).

Amaral, em 2004, elabora conceitos para os termos: **webtelejornalismo** e **cibertelejornalismo**, seguindo categorias de TVs na internet, caracterizando o primeiro como os telejornais produzidos exclusivamente para o espaço virtual. Já, Nogueira, um ano depois propõe a nomenclatura **webjornalismo audiovisual**, a partir da classificação do webjornalismo em três gerações oferecida por Mielniczuk, definindo o termo como produção noticiosa televisiva da web, ou seja, aquela "atividade que utiliza formatos de notícia com imagem em movimento e som enquanto elementos constitutivos do produto disponibilizado nos bancos de dados da web" (NOGUEIRA, 2005, p.13).

A adoção do termo **webtelejornalismo**, aparece nas proposições de Renault (2011), que classifica como o telejornalismo divulgado na web. A denominação **videojornalismo**, também surge quando o assunto é telejornalismo na internet, como descreve Saliba, "vídeos jornalísticos produzidos somente para o ambiente web" (2016, p.76), e Silva, "uma forma cultural televisiva" (2014, p.16).

A complexidade conceitual e os diversos entendimentos ficam evidentes pelas definições até aqui apresentadas. Diante disso, entendemos que o telejornalismo tem uma indiscutível estrutura narrativa definida, conhecida e distinta pelo grande público. Portanto, ninguém tem dúvidas sobre o que é um telejornal, pois trata-se de um conceito consolidado. Em paralelo, entendemos que isso acontece porque os conceitos apresentados estão em fase de construção e precisam ser discutidos. Não há, ainda, um modelo estruturado e definido, como ocorre com o telejornalismo convencional. As iniciativas de prática telejornalística na web passam a ter uma atuação ampliada quando se utilizam de recursos específicos do suporte.

As especificidades e potencialidades são adquiridas por esse tipo de produção jornalística, em cada interface, levando a entender que há um ciberjornalismo audiovisual formado por produções do webjornalismo audiovisual (que ocorre na interface da Web); jornalismo audiovisual móvel (em aplicativos de mídias móveis) e assim por diante.

Considerações Finais

Como abordamos no decorrer do texto, o fazer jornalístico tem sofrido ressignificações. O desenvolvimento tecnológico convoca novos olhares para as práticas jornalísticas e faz com que o espaço das redações também seja transformado. No caso do telejornalismo, os formatos hegemônicos estão sendo tensionados e novas práticas mostram-se pertinentes para suprir às demandas atuais, voltadas à interatividade do público com o meio.

Ainda hoje, os telejornais, em sua maioria, são produzidos em formatos que priorizam a transmissão na TV tradicional, mas que podem ser assistidos também pela internet. Da mesma forma em que a televisão usa ferramentas da web, esta também se utiliza da linguagem narrativa do meio original com ênfase ao telejornalismo.

A partir das reconfigurações do telejornalismo no contexto da evolução tecnológica e da cultura da convergência, reflexões sobre as características da produção audiovisual jornalística no ciberespaço tornam-se necessárias, considerando as apropriações das possibilidades do contexto. As transformações estão gerando produtos distintos dos convencionais, com modelos produtivos e formas de distribuição e consumo diferenciadas.

Além da constante transposição de conteúdo da TV para a web, está a viabilização de produções que partem das bases do telejornalismo, mas que se apropriam de muitas possibilidades e características da comunicação em redes digitais. A maioria desses programas é criada e distribuída com exclusividade por meio do ciberespaço. Ocorre, portanto, a mistura de estratégias clássicas do telejornalismo com outras que só são possíveis através da ambiência digital. O crescimento de telejornais com transmissão na Web gera novas demandas de produção de conteúdos que sejam oportunos para os espectadores, que contemplam tudo isso, diante da tela de um computador ou do celular. Desta forma, alguns cuidados são pertinentes quando se fala em produções para web, como a utilização de planos de captação de imagens que se mostrem de forma nítida em uma tela reduzida e a construção de uma narrativa que seja pensada em uma perspectiva de geração de possibilidade de interação por parte do público.

Na perspectiva de ressignificação das narrativas, os telejornais universitários, que são produtos experimentais, praticados nas escolas de jornalismo e que, em muitos casos, são transmitidos na web, também precisam se adequar para atender as demandas exigidas por parte dos consumidores. A produção de telejornais universitários, para a televisão ou para a web, ainda passa pelo enfrentamento de grandes dificuldades técnicas e restrições orçamentárias, mas, principalmente, busca ultrapassar as resistências ideológicas e conceituais que tanto limitam a produção desses programas jornalísticos.

A transmissão através de uma perspectiva multiplataforma se mostra desafiadora para a reflexão acerca das práticas do jornalismo audiovisual. Só nos resta afirmar que estamos diante de um assunto complexo e que está em constante mutação.

Referências

AMARAL, Neusa Maria. **Televisão e telejornalismo: do analógico ao virtual**. Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

BECKER, Beatriz. **Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção**. Estudos em Jornalismo e Mídia - Ano VI - n. 2 pp. 95 - 111 jul./dez. 2009.

BRASIL, Antônio C. **Por uma história do telejornalismo na Internet – Dez anos da TV UERJ online**. Guarapuava, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/idyFqS>> Acesso em 23.01.2014.

BRASIL, Antônio; EMERIM, Cárlica. **Por um modelo de análise para os telejornais universitários**. 2011. Disponível em: <http://analisedetelejornalismo.files.wordpress.com/2011/08/brasil_emerim.pdf> Acesso em: 06.02.2014>.

CANAVILHAS, João Messias. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web**, in: http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=canavilhas-joao-webjornal.html.2011. Acesso em: 15. 01. 2017.

CARRAVETTA, Luiza Maria Cezar. **Construindo o telejornal**. Porto Alegre: Armazém Digital, 2009.

EMERIM, Cárlica; CAVENAGHI, Beatriz. Linguagem e convergência: contribuições para o webjornalismo audiovisual. **Revista Vozes & Diálogo**. N.2. Itajaí: jul/dez 2012, p.4-17.

FEITOSA, D. F. ; BAIRON, Sergio. A televisão e sua expansão no âmbito da convergência. **REVISTA GEMInIS**, v. 1, p. 224-251, 2015.

GOMES, Itania; MENEZES, Mariana. O pacto sobre o papel do jornalismo nos quatro telejornais diários da TV Globo. **Animus**. V.13, p.1-20, abril 2008.

HERREROS, Mariano. **Dimensión Audiovisual del idioma**. Revista Latina de Comunicación Social, 26. 2000. Disponível em <<http://www.ull.es/publicaciones/latina/aa2000vfe/cebrian.html>> Acesso em 10 de fevereiro de 2017.

JENKINS, Henry. **A cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LIMA, Ana Carolina da Costa. Do telejornalismo ao webtelejornalismo: a convergência midiática no jornalismo da TV Morena. In: 7 Congresso Internacional de Ciberjornalismo, 2016, Campo Grande. Anais. Campo Grande: 7 Congresso Internacional de Ciberjornalismo, 2016.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal-laboratório: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor**. São Paulo: Summus, 1989.

MAIA, Aline Correa da Silva. O telejornalismo no Brasil na atualidade: em busca do telespectador. In: Seminário Internacional Análise de Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos, 2011, Salvador. **Anais científicos do Seminário Internacional Análise de Telejornalismo**, 2011.

MOTA, Lílian de Oliveira Dantas. Telejornalismo, convergência e interatividade: uma análise cultural. 2011. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea). Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Salvador.

NEGRINI, Michele; ROOS, R. ; ROSSASI, C. . **WEBTVS: produção e apresentação telejornalística através de novas possibilidades**. Advérbio (FAG), v. 11, p. 51-66, 2016

NOGUEIRA, Leila. **O webjornalismo audiovisual: uma análise de notícias no UOL News e na TVUERJ on-line**. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea. Universidade Federal da Bahia. Orient: Prof. Elias Machado. 2005.

O'REILLY, Tim. What Is Web 2.0 -Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. O'Reilly Publishing, 2005.

RENAULT, Letícia. **Webtelejornalismo: o diálogo entre televisão e web a partir do telejornalismo no Brasil**. São Paulo, 2011. Disponível <<http://confibercom.org/anais2011/pdf/275.pdf>> Acesso em 10.06.2015

RIBAS, Beatriz. **A narrativa webjornalística: um estudo sobre modelos de composição no ciberespaço**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

SALIBA, Raquel. **A Construção do Jornalismo audiovisual na web: Um olhar sobre o New York Times e o BuzzFeed**. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. 2016.

SILVA, Cláudia. **A WebTV no eixo Portugal - Brasil: definições, tendências e desdobramentos**. In: C&S - São Bernardo do Campo, v. 35, n.2, p.315-351, jan./jun. 2014.

TEIXEIRA, Juliana. **Webjornalismo audiovisual universitário no Brasil: um estudo dos casos TV UVA, TV UERJ E TV UFRJ**. Dissertação de Mestrado. UFSC, Florianópolis, 2011.

_____ A configuração do audiovisual nos dispositivos jornalísticos digitais: uma análise do papel desempenhado pelo vídeo na web, no tablete e no smartphone para o enquadramento do conflito na Síria. In: CANAVILHAS, João. **Notícias e Mobilidade: O Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis**. UBI, LabCom, Covilhã/Portugal, 2013.